



Mulheres e agroecologia: uma reflexão em defesa da vida *Women and agroecology: a reflection in defense of life*

VIEIRA, Márcia Gilmara Marian¹; GONÇALVES, Lilian Fernanda Sfendrch; KORZ, Camila³.

¹Universidade do Vale do Itajaí, mmarian@univali.br; ² Prefeitura Municipal de Massaranduba, meioambiente@massaranduba.sc.gov.br; ³ Universidade do Vale do Itajaí, camila.korz@edu.univali.br.

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: No Brasil existem inúmeras iniciativas agroecológicas que de forma silenciosa e pouco visíveis para a sociedade, constroem estratégias de resiliência e consonância a elementos críticos da crise ambiental. O objetivo é relatar as reflexões das mulheres agricultoras de Massaranduba - SC, que se integraram ao projeto de extensão Educação para Transformação da Univali, que tem como propósito empoderar as mulheres para discutir questões relativas às suas realidades rurais. A metodologia adotada para a formação desse grupo foi, inicialmente, a visita de uma profissional as propriedades rurais, convite prévio e a integração através de um grupo. Durante os primeiros meses, vinte mulheres foram instigadas a falar sobre suas experiências na agricultura, com o intuito de conhecer as vivências. Os temas que emergiram foram: malefícios dos agrotóxicos, alimentação saudável e saúde. Por fim, foi possível perceber, que elas estão ávidas para desenvolver habilidades para implantação da Agroecologia.

Palavras-Chave: Agricultura Sustentável; Feminismo; Alimentação Saudável; Empoderamento.

Keywords: Sustainable agriculture; Feminism; Healthy nutrition; Empowerment.

Contexto

A agroecologia é apontada como uma proposta de mudança na matriz tecnológica fundada nos valores éticos de justiça e equidade social (SILIPRANDI, 2009). Diante dessa abordagem, Guzmán (2001, *apud* ALMEIDA, 2016) questiona a possibilidade de mudar realmente as estruturas de poder e propor a organização e a articulação dos atores sociais locais, principalmente as mulheres, como forma de resistência ao modelo antigo:

A Agroecologia, que propõe o desenho de métodos de desenvolvimento endógeno para o manejo ecológico dos recursos naturais, necessita utilizar, na maior medida possível, os elementos de resistência específicos de cada identidade local. Em nossa opinião, a maneira mais eficaz para realizar esta tarefa consiste em potencializar as formas de ação social coletiva, pois estas possuem um potencial endógeno transformador (GUZMÁN, 2001, p.36 *apud* ALMEIDA, 2016, p.26).

Ao que é colocado por Guzmán, com o surgimento da agroecologia e a construção de um novo paradigma, observa-se a efervescência do movimento organizativo das mulheres rurais. A incorporação da perspectiva de gênero passa a ser recorrente



nas intervenções no meio rural, seja por pressão das próprias agricultoras ou pela exigência de entidades internacionais e passando a ocupar espaços nas agendas políticas e sociais dos estados e da sociedade civil e dos princípios que nortearão o paradigma agroecológico (SILIPRANDI, 2009).

Compreendendo a necessidade de contribuir no fortalecimento de uma agricultura sustentável, o Projeto de Extensão Educação para Transformação da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, na cidade de Itajaí, Santa Catarina (SC), busca promover educação popular em saúde, meio ambiente, e relações de gênero para o desenvolvimento social, econômico e ambiental da agricultura familiar, além de estimular a participação cidadã como estratégia de mudança e autonomia. Esse trabalho vem sendo desenvolvido desde outubro de 2014 e atualmente, é uma referência na região do Alto Vale do Itajaí, por já ter um grupo de mulheres que estão no processo de transição agroecológica, participam de feiras de Economia Solidária e adquiriram autonomia financeira, emancipação e empoderamento (VIEIRA *et al*, 2016).

No ano de 2019, o Projeto foi ampliado para um novo grupo de agricultoras de Massaranduba-SC, com o intuito de analisar as reflexões sobre vivências na agricultura e entender a relação entre mulheres e agroecologia, com a problematização dos impactos, produções, ressignificações do conhecimento e práticas agroecológicas, tendo como referência o lugar ocupado por elas no contexto da agricultura familiar.

Previamente, foi identificado em Massaranduba - SC a ausência das mulheres em espaços de discussões e conquistas políticas, tais como em organizações e associações, observou-se a participação majoritária no âmbito doméstico. As informações que chegam às mulheres são insuficientes e muitas vezes relacionadas a assuntos definidos para o público feminino; ou seja, as mulheres não têm acesso às notícias sobre leis e políticas relacionadas a agricultura. Percebeu-se também que elas são historicamente responsáveis pelo “cuidado”, são as que mais se preocupam e cuidam da saúde familiar e ambiental.

O presente relato técnico aborda as reflexões trazidas pelas mulheres agricultoras de Massaranduba - SC, que se integraram ao Projeto de Extensão, que tem como propósito vigente empoderar as mulheres para que elas possam discutir, em nível de igualdade, questões relativas às suas realidades rurais.

Descrição da Experiência

Para Gadotti (1991), o Círculo de Cultura é uma unidade de ensino que substitui a escola tradicional, é formado por um grupo de pessoas com situação existencial em comum o qual discutem seu trabalho, através da tese de que existem dois que sabem coisas distintas e que podem aprender mutuamente.



Tal metodologia utiliza de um facilitador, que é a pessoa que se coloca e organiza as questões básicas do encontro, além de dar os devidos encaminhamentos para os temas que surgirem (FREIRE, 1983; GADOTTI, 1991).

Para poder montar o grupo de agricultoras a Engenheira Agrônoma realizou um levantamento bibliográfico do município e do histórico da agricultura no município de Massaranduba – SC. Segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município de Massaranduba totaliza um área urbana de 52,25 Km², e área rural de 342,25 Km², se localiza na região Noroeste, no Vale do Rio Itapocú do estado de Santa Catarina, possui 14.674 habitantes, os quais 7.061 são produtores rurais.

O município possui como predominância o modelo de agricultura convencional, a qual faz uso de agrotóxicos nas grandes e pequenas produções, principalmente nas grandes produções de arroz e banana, onde utilizam de técnicas manuais e equipamentos como autopropelido para pulverização agrícola e avião agrícola com o uso de pulverizador tipo “canhão”. São utilizados herbicidas, fungicidas e inseticidas em todas as fazes de cultivo.

A Engenheira Agrônoma do município participou diretamente de reuniões em campo, o que a beneficiou-se com inúmeros relatos de vida das mulheres agricultoras que aceitaram participar das atividades. Onde foi possível notar que existe a abertura para possibilidade de transição agroecológica no município.

Diante disto criou-se o grupo de mulheres agricultoras, as estratégias utilizadas com este grupo basearam-se em rodas de conversas e oficinas teórico-prático, onde foram abordadas temáticas pertinentes a agroecologia e que fossem aplicáveis as mulheres em suas propriedades.

O grupo é composto por 30 mulheres agricultoras das seguintes localidades do município de Massaranduba: Centro, Guarani-Açú, Massaranduba Baixo, Rio Bonito, Fundo Sueco, Guarani-Mirim, Ribeirão Irma, Butuca, Massarandubinha, 1º Braço do Norte, 2º Braço do Norte e Patrimônio. Todas as participantes possuem vínculo com a agricultura e são adeptas as técnicas agroecológicas, porém ainda utilizam de técnicas convencionais para produção e comercialização dos produtos.

Para colheita dos relatos das mulheres agricultoras foi utilizado um grupo por meio eletrônico, na plataforma WhatsApp, que possui 20 mulheres agricultoras, a professora da UNIVALI e coordenadora do Projeto de Extensão Educação para Transformação, e a engenheira agrônoma da Secretaria de Agricultura de Massaranduba, que administra o grupo. O principal objetivo do grupo por WhatsApp é fomentar e problematizar situações que estas mulheres vivenciam na agricultura.

Resultados

Após algumas reflexões sobre as temáticas de interesse, a professora da Univali, iniciou uma discussão sobre os “Danos causados por Agrotóxicos”. As mulheres se



mostraram ativas e participativas em toda a discussão. A profissional da agronomia fomentou a reflexão por parte das mulheres através da fala: *“Pois é e agora???? Sempre o produtor sofrendo consequências da falta de políticas públicas focadas. Acham tudo bobagem. Isso me revolta. Até quando teremos que engolir tudo isso? Vale a reflexão, a união faz a força.”*

A partir desta reflexão percebe-se a falta de políticas públicas voltadas para a agroecologia afim de estimular e incentivar a agricultura sustentável. Porém quando falamos de agricultura convencional, esta detém incentivo político e financeiro, além de proporcionar uma escravidão de gastos com insumos, gerando danos ambientais e a saúde.

No ano de 2018, em Massaranduba, o pequeno produtor agroecológico V. G. perdeu mais de dois mil pés de pepino em virtude da pulverização de fungicida da lavoura vizinha de banana, estimando um prejuízo de aproximadamente quinze mil reais, além de gerar danos ambientais à propriedade e problemas de saúde para a família do produtor, os quais são imensuráveis.

Tem se gerado intensa mobilização para realização de audiências públicas, debates, produção e difusão ampliada de informações, além da tentativa da proibição de pulverização aérea. Tais estratégias são usadas como alternativas para a falta de políticas públicas, tentando mostrar ao governo local a necessidade de proteção da saúde pública. Ainda dentro dessa discussão, a mulher agricultora M. F. C. S. fala: *“Estamos num beco sem saída. Chegamos à conclusão que estamos doentes pelo que comemos. Conversando com alguns agricultores, eles disseram que compraram sementes de milho plantaram e quando colheram o milho nem gosto tinha. Até as galinhas e patos estão rejeitando, imagina a modificação”.*

Dessa forma, contradizendo a promessa de que reduziriam o uso de agrotóxicos nas lavouras, os Organismos Geneticamente Modificados (OGM) têm contribuído para elevar as quantidades utilizadas destas substâncias e, conseqüentemente, aumentar o consumo destes pela população através dos alimentos (HEINEMANN *et al.*, 2014). Com o intuito de possibilitar novos conhecimentos e tecnologias para a implantação da Agroecologia com essas mulheres serão oferecidas Rodas de Conversa no decorrer do ano de 2019, com as temáticas: Conhecer os impactos causados pelo agrotóxico na saúde e meio ambiente; Implantação de tecnologias para a produção orgânica; Benefícios dos sistemas agroflorestais (SAFs); A diversidade e utilização das Plantas alimentícias não convencionais (PANC); Preservação das sementes crioulas; O que são os Organismos Geneticamente Modificados (OGM) ou transgênicos; e a Importância da soberania e segurança alimentar.

Estudos demonstram que há evidências sobre a associação da exposição aos agrotóxicos utilizados em culturas OGM com a maior incidência de doenças crônicas como: câncer, doença de Alzheimer, Parkinson, asma, problemas neurológicos, alterações hormonais, infertilidade, distúrbios gastrointestinais, depressão,



transtorno de déficit de atenção, hiperatividade, doença cardíaca, autismo, doença celíaca, diabetes e obesidade (CORTES *et al.*, 2018).

Outra mulher agricultora M. F. P. fala: *“E a culpa é nossa, porque vamos desvalorizando o pequeno produtor, aquele que é artesanal, sempre damos valor ao produto que enche os olhos, que está cheio de agrotóxicos. Aquele que planta pouco e tem propriedade pequena, não consegue investimentos não tem voz. Nem sempre consegue vender seus produtos.”*

Com esta colocação podemos afirmar que a agricultura familiar precisa ser reconhecida e valorizada, bem como a comercialização de produtos artesanais através do incentivo da criação de feiras agroecológicas.

A Agroecologia assume papel fundamental na criação de condições para a permanência do pequeno agricultor no seu ambiente, com características do economicamente viável, ambientalmente correto e socialmente justo (CAPORAL; COSTABEBER, 2007).

Para as mulheres, a produção orgânica e de base agroecológica é a promoção de sistemas justos e sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que visem o favorecimento da vida humana e a conservação dos bens naturais. Entre os diferentes modos de produção, defende-se a importância dos pequenos empreendimentos, em especial os familiares, que se utilizam quase na totalidade de mão de obra a família.

Nesse contexto, a agroecologia é um instrumento importante na implementação de estratégias para viabilizar a organização das mulheres do campo, identificando as atividades cotidianas, geração de renda, limites, sonhos, potencialidades e desafios. Esta postura receptiva por parte das mulheres agricultoras facilitou o interesse e a reflexão sobre os tópicos construídos coletivamente em uma proposta objetiva, clara, exequível e que atendesse os princípios e valores do escopo maior a saber: a transição de uma agricultura industrial para uma agricultura agroecológica. as mulheres tiveram a iniciativa de falar e expor seus pontos de vista.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. S. R. **O protagonismo das mulheres no movimento agroecológico do Distrito Federal**. Brasília, 2016, 71f. Monografia (Graduação em Ciências Ambientais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15349/1/2016_Ram%C3%B3nDaSilvaRodriguesAlmeida_tcc.pdf>. Acessado em: 14 abr. 2019.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. 2.ed. Brasília, DF: MADA: SAF: DATER-IICA, 2007. 24p.



CORTESE, R. D. M. *et al.* Alimentação na Atualidade: reflexões sobre o consumo de alimentos geneticamente modificados. [s.l.]: **Agroecologia**, v.12, n.2 p.71-79, 2018. Disponível em: <<https://revistas.um.es/agroecologia/article/view/347471/250951>>. Acessado em: 14 abr. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, M. **Convite a leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1991.

HEINEMANN, J.A. *et al.* Sustainability and innovation in staple crop production in the US Midwest. [s.l.]: **International Journal of Agricultural Sustainability**, v.12, n.1 p.71-88, 2014. Disponível em: <<https://revistas.um.es/agroecologia/article/view/347471/250951>>. Acessado em: 13 abr. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama do município de Massaranduba, Santa Catarina**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/massaranduba/panorama>>. Acessado em 13 abr. 2019.

SILIPRANDI, E. Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural. Rio de Janeiro: **AS-PTA**, p.139-151, 2009.

VIEIRA, M. G. M. *et al.* Educação para Transformação: meio ambiente, saúde e gênero. Uberlândia: **Rev. Ed. Popular**, v.15, n.1, p.180-193, 2016. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/32559>>. Acessado em: 13 abr. 2019.